

Review of *Escrever Para (Sobre)Viver*

Sandra Sousa

Fagundes, Francisco Cota. (2024). *Escrever Para (Sobre)Viver*. Predicado Inclinado, 391pp. ISBN 9789898123947.

*E**scriver Para (Sobre)Viver* é o título do mais recente livro de Francisco Cota Fagundes, e é por aí que gostaria de começar esta minha modesta contribuição na divulgação de uma obra que nos chega em bom tempo. A escolha do título, cujo subtítulo nos informa do que espera o leitor—*História e Fontes Primárias da Literatura da Diáspora Lusa nos Países Anglófonos do Novo Mundo*—não será de forma alguma aleatória, especialmente se estivermos familiarizados com o percurso de vida, incluindo a vida académica, do autor. Francisco Fagundes nasceu na ilha Terceira, Açores, e emigrou para os Estados Unidos em 1963. O seu percurso de jovem imigrante na América está autobiografado no livro *Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey* (2000), onde o leitor conhece de forma mais profunda as agruras de uma vida vencida a punho, com suas semelhanças e especificidades à de tantos outros cujo destino foi atravessar a “ponte” entre um arquipélago quase perdido no meio de um oceano e a promessa de um sonho ou de melhores condições de vida proporcionado por essa América prometida.

O autor viveu na Califórnia por 14 anos e, em 1976, fixou residência em Amherst, no estado do Massachusetts. Crítico literário, autobiógrafo, contista e tradutor, Fagundes ensinou línguas e literaturas espanholas e portuguesas no nível de graduação, assim como literaturas portuguesa, africana lusófona e brasileira nos níveis de graduação e pós-graduação. Ministrou ainda cursos de literatura da diáspora portuguesa nos Estados Unidos, tanto em português quanto em inglês. O seu percurso de vida confirma a promessa americana como cumprida. Fagundes é hoje um dos mais prolíficos académicos açoriano-portugueses (se me é permitido o hífen) nos Estados Unidos, cuja contribuição para o estudo, permanência e sedimentação da língua e da cultura portuguesas, no geral, e açoriana e de diáspora, em particular, tem sido inestimável e amplamente reconhecida no meio académico e cultural.

Mas voltemos ao título. *Escrever Para (Sobre)Viver* parece ter um duplo sentido, referindo-se não apenas a um tipo de escrita própria de quem vivenciou a migração ou o exílio, com suas dores, amarguras, lutas e sacrifícios, mas também à própria realidade de Fagundes. A sua vasta obra publicada indica que escrever foi e continua a ser não apenas um modo de vida, mas uma forma de sobreviver aos vários obstáculos da vida (e talvez mais intensamente, da vida migrante) aos quais ninguém escapa.

Escrever Para (Sobre)Viver, recentemente saído do prelo, será, sem dúvida, uma História de referência para aqueles que no futuro se dedicarem ou continuarem a dedicar-se aos estudos da literatura produzida pela diáspora lusa nos Estados Unidos, Canadá e Índias Ocidentais, mais especificamente, em Trinidad e Tobago. Fagundes apresenta-nos uma obra que é reflexo de uma vida académica dedicada ao tema e do seu profundo conhecimento desta literatura que, embora possua já um vasto e digno corpus literário e crítico, merece continuar a ser estudada e ampliada. Como refere o autor no parágrafo de abertura do livro, um dos seus objectivos é “fomentar mais debate atualizado

entre estudiosos da literatura da diáspora lusa nos países anglófonos do Novo Mundo” (15), além de proporcionar uma melhor compreensão da presença portuguesa espalhada pelas terras do Novo Mundo de língua inglesa. Após fazer a distinção entre literatura migrante e literatura luso-americana-canadiana-trinidadiana (esta última escrita em inglês por luso-americanos-canadianos e caribenhos), Fagundes sublinha a importância desta distinção não apenas para o estudo da experiência migratória em diferentes géneros literários, mas também para a centralidade da experiência migratória nas obras em questão. De fora do *corpus* fica a literatura migrante e de descendentes de migrantes cabo-verdianos e brasileiros, por Fagundes considerar que não lhes pode fazer justiça e por ser questionável a sua inserção na história literária da diáspora portuguesa em vez da história literária desses povos. O objetivo principal é, deste modo, fornecer ao leitor uma perspectiva histórica — e não tanto uma abordagem de análise crítica aprofundada — deste conjunto de obras de literatura migrante, luso-americana e étnica que se enquadrem nos parâmetros de “criação literária.” Na introdução de seu livro, Fagundes aborda ainda a questão da integração de obras literárias escritas em línguas que não a do país de origem ou descendência, argumentando que a literatura americana, canadiana e trinidadiana em inglês, quando criada por portugueses ou seus descendentes, deve ser integrada à história literária desses países. No entanto, Fagundes destaca que essa literatura não deixa de “nos pertencer,” pois contribui para a compreensão da jornada do povo diaspórico e enriquece a diversidade cultural. Assim, além de sua relevância nacional nos países e na língua em que foi escrita, a influência lusa nessas obras é vista como um acréscimo positivo, fortalecendo a sua divulgação e reconhecimento.

Para realizar essa vasta e notavelmente bem-sucedida tarefa, o autor estrutura *Escrever Para (Sobre)Viver* em catorze capítulos, seguidos por uma bibliografia extensa e abrangente, além de dois apêndices. O primeiro apêndice presta homenagem aos estudiosos responsáveis pela história e crítica da literatura luso-emigrante e luso-étnica, enquanto o segundo é dedicado a uma bibliografia dos escritores e obras primárias da diáspora luso-norte-americana-trinidadiana, actualmente a mais ampla referência sobre o tema disponível. Sem entrar em minúcias sobre o conteúdo de cada capítulo nesta breve resenha, prefiro apenas incentivar o leitor a explorá-los por conta própria, despertando sua curiosidade para uma leitura mais aprofundada. O primeiro capítulo introduz dois escritores portugueses autoexilados nos Estados Unidos, José Rodrigues Miguéis e Jorge de Sena, cujas obras não só são indispensáveis, mas também fundamentais como referências na literatura luso-americana. O capítulo seguinte concentra-se em alguns escritores e obras da literatura portuguesa relacionadas à temática migrante, destacando figuras como Ferreira de Castro, Vitorino Nemésio, Dias e Melo, Olga Gonçalves, João de Melo e Álvaro de Oliveira. De maneira geral, os capítulos subsequentes abrangem eventos marcantes na história dos Açores e de Portugal, como a erupção do Vulcão dos Capelinhos em 1957-58, na ilha do Faial, e o 25 de Abril de 1974. Segundo Fagundes, esses eventos ajudam a “compreender as cinco gerações em que a literatura luso-migrante e luso-americana-canadiana-trinidadiana pode ser apresentada” (34) e a forma como são explorados ao longo do livro. Vale destacar que, ao longo desses capítulos, o autor nos presenteia com uma seção intitulada “Autor[es] em Destaque,” onde são abordadas figuras representativas de gerações específicas, incluindo Alfred Lewis, Onésimo Teotónio Almeida, Charles Reis Feliz, Elizabeth Nunez, Katherine Vaz e Elaine Ávila. Gostaria de destacar brevemente o último capítulo, dedicado à geração universitária do pós-25 de Abril, da qual faço parte, para fazer duas observações. A primeira é a minha concordância com a avaliação de Fagundes de que, em geral, esta é uma geração mais bem-aventurada, embora nem sempre privilegiada economicamente como possa parecer. Os casos precisam ser avaliados individualmente. No entanto, como o autor menciona, a mudança proporcionada pelos avanços tecnológicos na comunicação e um maior conhecimento da cultura e língua do país de destino certamente influenciam uma literatura na qual alguns conceitos se tornaram quase obsoletos, como os de “*distância* e de *saudade*, quer da pátria, quer da família, ou os conceitos de *partida* e de *regresso* tão marcantes na literatura de migrantes tradicionais de há uma quantas gerações” (311). Além disso, o conceito de *pátria* também já

não é o mesmo, como afirma Fagundes. Nesta geração, o autor destaca três escritores: Paula Gândara, António Ladeira e Irene Marques.

É importante destacar os capítulos dedicados aos madeirenses emigrados nas ilhas ocidentais e à sua respectiva literatura, um campo certamente menos conhecido e que merece maior estudo. Fagundes dá especial atenção a duas escritoras luso-trinidadianas na América do Norte, Olga Cabral e Elizabeth Nunez. A abordagem meticulosa e detalhada de Fagundes proporciona ao leitor uma compreensão mais profunda das suas obras e significativas contribuições para a literatura da diáspora portuguesa.

Um livro de leitura acessível, *Escrever Para (Sobre)Viver* é indispensável em qualquer curso académico que explore a temática da literatura da diáspora lusa e da sua história, bem como para todos os interessados na mesma, independentemente do seu nível de conhecimento. Como a autora desta resenha, que possui um conhecimento modesto sobre o assunto, sem dúvida que ficará aguçado o desejo de ler muitos dos escritores por Fagundes mencionados e analisados.

A jeito de conclusão, *Escrever Para (Sobre)Viver* é uma obra que nos oferece um olhar profundo e abrangente sobre a literatura luso-migrante e luso-diaspórica. Através de uma análise meticulosa e bem fundamentada, Fagundes ilumina não apenas a riqueza e a diversidade desta literatura, mas também os desafios e as conquistas dos escritores que, através de suas obras, exploram as complexas experiências de identidade, pertença e resistência em países distantes do seu. É impossível dissociar esta literatura da longa e rica história da emigração portuguesa para os Estados Unidos, uma história marcada por sucessivas vagas migratórias que começaram ainda no século XIX. A narrativa destas comunidades está intrinsecamente ligada à história complexa das relações políticas entre Portugal e os Estados Unidos, relações que moldaram e foram moldadas pelas experiências dos emigrantes portugueses ao longo dos séculos. O futuro desta literatura é promissor, continuando a evoluir e a enriquecer-se com as vozes das novas gerações de escritores que trazem consigo novas perspetivas e vivências. À medida que o mundo se torna cada vez mais interconectado, as histórias e as identidades dos luso-descendentes nos Estados Unidos, Canadá, Caraíbas, Trinidad e Tobago, e noutras partes do mundo ganharão novos significados e continuarão a influenciar a paisagem literária global. Como afirma Fagundes, “Somos nós, lusos e lusodescendentes que a criámos e estamos a criar a literatura migrante e étnica lusa e dela em parte dependemos para mais uma ancoragem da nossa identidade, os que temos de alimentar e promover a própria herança literária entre nós—e de não nos desencorajarmos nunca por outros interesses étnicos (e inclusive *mainstream*) ainda não a reconhecerem como criação literária digna da atenção que desejaríamos” (319-320).